

ESTRATÉGIAS NARRATIVAS E IDENTIDADES DESLIZANTES EM *VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO, DE MIA COUTO*

Márcia Souto Ferreira (PUC-Minas)¹

Introdução

O crítico Homi K. Bhabha propõe que “o estudo da literatura mundial poderia ser o estudo do modo pelo qual as culturas se reconhecem através de suas projeções de ‘alteridade’.” (BHABHA, 2007, p.33). A consideração do teórico permite-nos acreditar na relevância dos estudos das narrativas ficcionais que transitam por questões relativas à identidade e à alteridade, por isso propomos uma análise da obra *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, a partir de um ponto de vista teórico legitimado por pesquisas acerca dos processos e construções de identidades.

Na esteira do pensamento de Bhabha (2007), Stuart Hall, na obra *A identidade cultural na pós-modernidade* (2003), analisa as transformações pelas quais passam as sociedades na pós-modernidade. Mudanças estruturais estão fragmentando conceitos culturais antes sólidos, como classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade os quais se apresentam atualmente de modo instável e provocador de mudanças nas identidades pessoais. São comuns questionamentos a respeito “da idéia que temos de nós próprios como sujeitos integrados.” (HALL, 2003, p.9). De acordo com esse pesquisador, a perda das certezas a respeito da ideia de quem somos marca-se pela desestabilização de quadros de referências que sustentavam a concepção de sujeito pleno e de identidade sólida. Relacionadas com essas transformações, modelam-se mudanças profundas na concepção identitária, uma vez que o sujeito pós-moderno não se percebe como portador de uma identidade fixa, essencial ou permanente; ao contrário, os processos de identificação transformam-se a todo momento. “A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam.” (HALL, 2003, p.12-13).

Várias obras ficcionais produzidas em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, após o fim do período colonial, motivam-se em discussões acerca de (re) construções identitárias em um ambiente no qual nem sempre foram possíveis negociações e/ou expressões individuais, devido à brutalidade do regime colonial português. O romance *Venenos de Deus, remédios do Diabo* (2008), do escritor Moçambicano Mia Couto, insere-se nessa tradição, pois é constante em sua narrativa a relação dos indivíduos com o seu passado. A obra exhibe personagens/identidades em trânsito, recurso também presente em outros romances do autor, como *Terra sonâmbula* (1992) e *O outro pé da sereia* (2006), em que se apresentam personagens deslizando, deslocadas, habitantes de entre-lugares que, segundo Homi K. Bhabha (2007), são espaços intersticiais e propiciam estratégias de subjetivação que levam a novos signos de identidade. (p.20).

O romance *Venenos de Deus, remédios do Diabo* encena deslizamentos de pertença, desmanches de tradições e identificações entre indivíduos de ordens sociais e culturais diferentes, deixando a ideia de que “trânsito de alma [...] é bem mais contagioso que o mais virulento micróbio.” (COUTO, 2008, p.80). Essa obra de Mia Couto pode ser compreendida como um lugar de enunciação da subjetividade deslizando e/ou inquietante do homem no período pós-colonial, em que “a identidade e a diferença estão inextricavelmente articuladas ou entrelaçadas em identidades diferentes, uma nunca anulando completamente a outra.” (HALL, 2003, p.86-87).

1. Espacialidade e deslizamentos identitários

No texto “Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença”, Gupta e Ferguson (2000) perguntam: o encontro colonial cria uma nova cultura ou desestabiliza a ideia de que nação e cultura são isomórficos? Com essa questão, os autores propõem que sejam pensadas, nos estudos relativos ao espaço, as culturas híbridas do pós-colonialismo, já que o embaçamento de fronteiras mexe tanto com a metrópole quanto com o colonizado.

Na obra *Venenos de Deus, remédios do Diabo*, Mia Couto (2008) cria uma narrativa em que a configuração espacial pode despertar reflexões acerca de formações e fragmentações identitárias. O romance

¹ O presente trabalho foi realizado com bolsa de mestrado concedida pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

se passa em Vila Cacimba, na África, onde se dá o encontro entre o médico português Sidónio Rosa e a família de sua amada Deolinda, Bartolomeu Sozinho e Dona Munda.

No capítulo dois, temos um importante relato a respeito de Bartolomeu Sozinho².

No ano de 1962, Bartolomeu Sozinho tinha vinte anos. Para ele, irremediável sonhador, aquele foi o ano do barco. Nessa altura, ainda vivia à beira-mar. A dois oceanos de distância, o transatlântico Infante D. Henrique iniciava a sua viagem inaugural na chamada rota ultramarina.

Quase um mês depois, em Porto Amélia, hoje rebaptizada Pemba, o navio ficou ao largo, por ausência de cais na cidade. Pequenas lanchas iam e vinham numa azáfama jamais vista naquela baía. Os portugueses desembarcavam encavalitados nas costas de homens negros para não molharem os pés.

Bartolomeu trabalhava na oficina do seu avô, mas, nesse dia, faltou ao serviço. No princípio da manhã ofereceu-se para carregar passageiros e, depois disso, passou o resto da manhã na praia a contemplar o navio. Nunca tinha visto nada que o tivesse fascinado tanto. Aquela era uma criatura híbrida entre água e terra, entre peixe e ave, entre casa e ilha. Passaram horas e o céu escureceu.

No momento em que Bartolomeu decidiu regressar a casa, aconteceu o milagre. As luzes do navio se acenderam e, de súbito, uma cidade emergiu, ainda molhada, do ventre do oceano. Bartolomeu ficou pasmado e, nesse estado arrelampado, balbuciou vezes sem conta a mesma ladainha como se estivesse rezando para um deus ainda por nascer:

- *Oxalá esse barco não saia nunca daqui.*

Em casa já se tinha jantado e o jovem confessou ao irmão que, ao fim da tarde, em plena praia, lhe descera a visão: o navio era uma ave pernalta e que tinha quebrado as pernas de encontro aos recifes, ao tentar levantar voo da baía de Pemba. O irmão sentenciou:

- *Eu sei o que se passa nessa sua cabecinha. É escusado, mano: você nunca pisará aquele barco. Pé de preto pisa canoa.*

O avô corrigiu. Que ele se enganava. Milhares de negros tinham saído de suas vidas para entrar em navios de longo curso. Durante centenas de anos embarcaram para nunca mais voltar. E repisou, marcando as sílabas com o cachimbo:

- *Não se esqueçam de que fomos escravos.*

- *Quem me dera ser escravo e ir num barco* – murmurou Bartolomeu de modo a que ninguém o escutasse.

Antes de adormecer, ele ainda regressou à janela para ver o navio aceso de encontro às trevas. E, de novo, suplicou:

- *Uma perna! Deus queira que parta uma perna.*

No dia seguinte foi acordado em sobressalto: a súplica resultara. Uma avaria paralisara o paquete. Não tardou que uma lancha desembarcasse na praia, em missão de emergência: necessitavam de apoio de quem soubesse de mecânica. Acontecera o imprevisito: o mecânico principal do navio estava incapaz, delirando em altas febres. A malária atingira também os assistentes. O avô aprontou uma caixa de material e disse ao neto:

- *Venha comigo.*

Bartolomeu entrou no navio como quem desembarca em solo lunar. Olhos embaciados de maravilhamento, pés flutuando sobre a realidade, foi passeando pelo convés enquanto o avô desceu à casa das máquinas.

O jovem olhou a linha de costa e tentou identificar a sua residência, mas o casario, dali, era uma colmeia indistinta e isso lhe trouxe um inesperado desejo de lonjura. O calor arrancava do chão ondulações de ar, como fumos de miragem. E lhe pareceu, de repente, que a Vila ficara submersa em água e que a geografia do mundo se invertera entre oceano e continente.

Todavia, o mar é o habilidoso desenhador de ausências. O balanço do navio fez adormecer o visitador, que se ajeitou num canto do convés. E o jovem Bartolomeu sonhou que a sua aldeia natal se convertia num barco e se lançava no altíssimo mar. E clamava, no alto da proa: “*Vejam! Terra de preto virou navio, estamos navegando nos infinitos oceanos!*”.

Vozes alvoroçadas emergiram do porão e despertaram o miúdo sonhador: um acidente tinha ocorrido na sala de máquinas e o avô tinha-se magoado ao tentar fazer mais do que sabia. Ficou com um braço inutilizado. O médico de bordo tomou conta do caso e

² A citação é longa, mas essencial para a análise que se propõe em seguida.

decidiu-se que a Companhia Colonial de Navegação assumiria a responsabilidade pelos tratamentos. O avô foi conduzido para Lourenço Marques. E o neto acompanhou-o. No caminho, o comandante engraçou com Bartolomeu Sozinho. Prometeu que lhe daria tecto, escola, metropolitano destino. Foi assim que tudo começou.

Na viagem seguinte, o jovem ajudante de mecânico embarcou e, até ao fim do regime colonial, continuou embarcando. De cada vez que embarcava mais ele se alongava de si mesmo.

No intervalo das marítimas canseiras, já no sossego da varanda de sua casa, os vizinhos lhe perguntavam:

- *E o mar é grande, Bartolomeu?*

- *Não é que seja tão grande assim. Os continentes é que estão muito afastados* – respondia.

No final da primeira viagem, os familiares lhe confessaram: receberam tão choruda indemnização aquando do acidente com o avô que agora todos rezavam para que ele, Bartolomeu Sozinho, sofresse de um penoso percalço. Foi nesse momento que ele decidiu mudar de terra. Escolheu uma povoação que lhe lembrava a visão enevoada da costa quando espreitava do convés. Escolheu Vila Cacimba. (COUTO, 2008, p.25-27).

Já nesse capítulo adianta-se a hibridez de Bartolomeu que, como o navio, “é uma criatura híbrida entre água e terra, entre peixe e ave, entre casa e ilha”. Bartolomeu trabalhou no navio até o fim do regime colonial e “De tanto ir e vir, ele já trocava partida por destino. De tanto viver no mar, ele já perdera pátria em terra. Já não era de nenhum lugar. De uma onda, desfeita em espuma: era essa a sua pertença.” (p.27). Podemos ler o mar, “o habilidoso desenhador de ausências”, como uma metáfora da recusa aos essencialismos, configurando-se como um espaço de trânsito em que se diluem as identidades fixas. Durante o período colonial, Bartolomeu ocupava “nenhum lugar”, não havia lugar para ele no seu país. No pós-colonial, Bartolomeu, envelhecido, ocupa um quarto escuro em Vila Cacimba, de onde raramente sai, mas pede ao médico que o visita constantemente para encaminhar as cartas que escreve, afinal “As cartas, as cartas são o único barco que me restou...” (COUTO, 2008, p.27). Mas as cartas também representam o lugar do engodo. Bartolomeu e Munda, diante da procura de Sidónio por Deolinda, aproveitam-se do médico e forjam cartas escritas pela amada para pedir-lhe coisas.

Velho e doente, Bartolomeu encerra-se dentro do seu escuro quarto. “Condenara-se a ele mesmo à prisão do quarto. A rua se foi convertendo numa nação estranha, longínqua, inatingível.” (COUTO, 2008, p.15) Às vezes, tentado a espreitar o mundo, Bartolomeu chega à janela, que se configura como um espaço limiar. A casa se apresenta como um símbolo que se relaciona com a nação, e como tal, revela contradições. Lugar de “segredos nunca resolvidos, dos recalques” (FONSECA & CURY, 2008, p.97), Bartolomeu e Dona Munda vivem em um ambiente em que as paredes e as janelas se cobrem com escuras cortinas.

A casa, lugar de encontros e desencontros, também é o porto seguro do médico. É o lugar que ele conhece e no qual se sente à vontade. Quando Bartolomeu escapa desse domínio e Sidónio o vai buscar, depara-se noutra África. Os espaços demarcam domínios: “No fundo, o português não era uma pessoa. Ele era uma raça que caminhava, solitária, nos atalhos de uma vila africana.” (COUTO, 2008, p.117). Nessa incursão, o estrangeiro percebe a África que não fala a língua do colonizador, onde o chão habita o lugar: o poder da ancestralidade em detrimento da civilização. As configurações espaciais na narrativa de Mia Couto, portanto, refletem os processos de identificações das personagens.

Segundo Michel Certeau (1999), as narrativas não só deslocam e transpõem os lugares para a linguagem, mas também organizam os espaços. A narrativa de *Venenos de Deus, remédios do Diabo* apresenta os lugares dos discursos. O médico é detentor do discurso prestigiado, do poder, no entanto o discurso das crenças dos de Vila Cacimba apresentam, na obra de Mia Couto, um contraponto importante. Mesmo o médico, detentor da retórica europeia, afirmando que a doença dos soldados é meningite, as pessoas os chamam de tresandarilhos e veem a enfermidade como pertencente à “outra ordem que escapa às ciências” (COUTO, 2008, p.37).

Bartolomeu tem uma visão interessante a respeito do exílio. Segundo ele, “Saímos para o estrangeiro quando a nossa terra já saiu de nós.” (COUTO, 2008, p.108). Sidónio Rosa e o pai exilam-se de Portugal para fugirem do vazio. Também eles são personagens de trânsito, ou melhor, conforme afirmam as pesquisadoras Maria Nazareth Fonseca e Maria Zilda Cury (2008), todos nós somos seres de identidades inacabadas, pois vivemos em um “mundo que pulverizou os lugares de pertença, os significados e o valor das origens, as ligações com um passado coletivo comum.” (FONSECA & CURY, 2008, p.86). A relação do homem com o lugar onde vive, de acordo com o velho mecânico, ocorre não só em termos práticos, mas também emotivos. O vazio, que torna uma pessoa triste, pode ser motivo para que não haja identificação entre ela e o lugar em que mora, legitimando-se, portanto, uma busca por outras terras, mas a “descoberta de

um lugar exige a temporária morte do viajante” (COUTO, 2008, p.169) e Sidónio, como personagem em trânsito, não consegue entrar verdadeiramente em Vila Cacimba, nos seus segredos, nas suas histórias.

Outros espaços e lugares se apresentam na obra em análise, o lugar do mulato, da mulher, do poder político e econômico encenam-se em *Venenos de Deus remédios do Diabo*, romance em que a espacialidade reflete deslizamentos identitários das personagens que ocupam interstícios, lembrando-nos que “No interior da fronteira já está o estrangeiro, exotismo ou sabbat da memória, inquietante familiaridade. Tudo ocorre como se a própria delimitação fosse a ponte que abre o dentro para seu outro.” (Certeau, 1999, p.215).

2. A questão da língua

Em *Venenos de Deus, remédios do Diabo* (2008), encenam-se vozes de portadores de identidades deslizantes e esse deslizamento representa-se também na linguagem da narrativa. É empregada a língua portuguesa, mas ressemantizada, reterritorializada. Desse modo, a língua europeia é reconfigurada noutras feições, mostrando-se ao mesmo tempo mesma e diferente. (FONSECA, 2008, p. 183). O romance acerca-se, nesse sentido, do conceito de literatura menor proposto por Deleuze e Guattari (1977): “Uma literatura menor não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior. No entanto, a primeira característica é, de qualquer modo, que a língua aí é modificada por um forte coeficiente de desterritorialização.” (DELEUZE & GUATTARI, 1977, p.25). A língua literária usada por Mia Couto é a portuguesa, mas ela é territorializada em Moçambique, ou seja, a cultura oral africana é alocada no código herdado do colonizador. Sobre esse “jogo estético” do escritor moçambicano, Inocência Mata (1998, p.266) afirma haver “uma postura ideológica, de afirmação de uma diferença linguística e literária no interior da língua de poder [...]” (MATA, 1998, p.266). Também se discute de maneira mais explícita, no romance em estudo, a questão da língua como referente identitário. Depois de Bartolomeu falar em língua chisena, o médico português, irritado, questiona:

- *O que disse?*
- *Falei na minha língua.*
- *A sua língua é o português!*
- *Como diz, senhor Doutor? Ini nkabe piva, taiu.*
- *Desculpe, não é isto que queria dizer. Mas por que deixou de falar comigo em português?*
- *Porque eu não sei quem o senhor é, Doutor Sidonho.* (COUTO, 2008, p.93)

Dias depois da discussão, Sidónio, ao visitar o doente, usa uma expressão em chiseno:

- *Ini nkabe dziua.*
- *Ah, o Doutor já anda a aprender a língua deles?*
- *Deles? Afinal, já não é a sua língua?*
- *Não sei, eu já nem sei...* (COUTO, 2008, p.110)

A dúvida de Sozinho reflete a fronteira habitada por ele, que está dentro e fora, simultaneamente, de dois sistemas culturais distintos. O trecho acima revela também o desejo do médico europeu de se inserir, ou pelo menos conhecer algo a mais sobre o lugar em que transita.

Conclusão

Parafraseando Silviano Santiago (1978), cremos que entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão, - ali, nesse não-lugar aparente constroem-se as identidades das personagens de Mia Couto. Parece-nos, pois, coerente afirmar que, no campo da ficção, o autor de *Venenos de Deus, remédios do Diabo* torna-se agenciador dos muitos papéis identitários que se configuram nos sujeitos, sempre com toda consciência de que o termo e o conceito de identidades são legitimamente plurais.

Em consonância com reflexões teóricas que acreditam estar o homem pós-moderno em constante “celebração móvel”, cremos que são agenciadas, na narrativa ficcional de Mia Couto, vozes e visões de homens e mulheres, estrangeiros e nativos em espaços de múltiplas percepções de sistemas culturais.

Referências

- BHABHA, Homi K. Locais da cultura. In: Idem. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1999, p.199-217.
- COUTO, Mia. *Venenos de Deus, remédios do Diabo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. A literatura menor. In: Idem. *Kafka, por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castagnon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1977. p.5-78.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas e Cenários, 2008.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. *Mia Couto: espaços ficcionais*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GUPTA, Akhil. FERGUSON, James. “Mais além da ‘cultura’: espaço, identidade e política da diferença”. In: ARANTES, Antônio. (org.) *O espaço da diferença*. Campinas: Papyrus, 2000. p.30-49.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 8.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- MATA, Inocência. A alquimia da língua portuguesa nos portos da expansão em Moçambique, com Mia Couto. *Scripta*, v.1, n.2, p.262-268, Belo Horizonte, 1º sem. 1998.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: Idem. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p.6-25.